

**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

**POR UMA ETNOCAMINHADA EM CRIAÇÃO: MODOS DE COM-POR |OUTRAS|  
GRAFIAS FESTIVAS ESPETACULARES**

**FOR AN ETHNOCHINKING IN CREATION: MODES OF COM-POR |OTHERS|  
SPECTACULAR FESTIVE GRAPHICS**

Danielle de Jesus de Souza Fonsêca  
Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida

**RESUMO:**

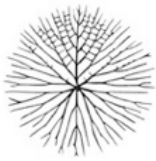
O texto busca promover um diálogo sobre o corpo festivo presente na Festa de São Marçal ou Encontro dos Bois, como também é conhecida a festa que acontece anualmente no dia 30 de junho, no bairro do João Paulo, em São Luís – MA. O deslocamento, apesar de possuir um trajeto retilíneo, característico da configuração festiva do bairro, apresenta muitas curvas e encruzilhadas inventivas, poéticas, espetaculares e imagéticas, (des)mobilizando diversos territórios simbólicos que serão ressaltados nesta caminhada etnocenológica. A discussão que se pretende realizar é pensar como a caminhada reinventa modos de produzir existências, sobretudo como os corpos experimentam a cidade e atravessam as camadas densas e tensas, tornando a paisagem festiva um espaço de trocas afetivas e criação nômade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnocaminhada, Festa de São Marçal, Corpo brincante.

**ABSTRACT:**

The text seeks to promote a dialogue about the festive body present at the Feast of St. Martial or Oxen Gathering, as is also known the festivity that happens annually on the 30th day of June, in the neighborhood of João Paulo, in São Luís – MA. The displacement, in spite of having a straight route, characteristic of the festive configuration of the neighborhood, has a great deal of inventive, poetic, dramatic and imagetic curves and crossroads, (de)mobilizing various symbolic territories, which will be highlighted in this ethnoscenological walk. The discussion we intend to raise is to reflect on how the walk reinvents ways to create existences, especially regarding the way the bodies experience the city and transpass its dense and tense layers, turning the festive landscape into a place for exchange and nomadic creation.

**KEYWORDS:** Ethnowalking, Feast of Saint Martial, Playful body.



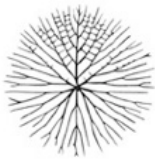
## **INTRODUÇÃO**

Este artigo incursiona a respeito do corpo brincante e das possibilidades de existência experimentadas no decorrer da festa de São Marçal, em São Luís, capital maranhense. A festa também é conhecida como Encontro de Bois e acontece anualmente no dia 30 de junho, no bairro do João Paulo. A festa, que reúne os Bois do sotaque de Matraca, acontece em formato de cortejo, onde os brincantes caminham pela principal avenida do bairro<sup>1</sup>. Como festa pública, com mais de 90 anos de existência, a ocupação na avenida implode acessos de vivenciar a experiência urbana de outras maneiras.

O deslocamento festivo, apesar de possuir um trajeto retilíneo, característico da configuração espacial do bairro João Paulo, apresenta muitas curvas e encruzilhadas inventivas, poéticas, espetaculares e imagéticas que serão ressaltadas neste artigo. Festividade que junta, ao longo de mais 15 horas de duração, em média 25 grupos de Bumba meu boi e aproximadamente 200 mil pessoas, que caminham em vários sentidos, fluxos e refluxos, passos densos, tensos. Paradas e estados de praticar outras movimentações. São essas e demais caminhâncias que busco compreender os modos de existência inventivos na festa.

Falar em existência sinaliza para uma compreensão de presença muito particular, que pode ser entendida como somas, ruídos ou costuras de múltiplos e dissonantes corpos, entrelaçados nas tessituras urbanas. Impulsionada por esta ideia, me proponho a pensar no modo de operacionalização do espaço público a partir suas fricções e deslizamentos, sobretudo pelo interesse nas pequenas narrativas que são inventadas e da forma como a experiência festiva, em São Marçal, é uma forma potente e necessária de ocupação do espaço público.

A discussão objetiva compreender como a caminhada reinventa modos de produzir existências, sobretudo como os corpos experimentam a cidade e atravessam as camadas densas e tensas, tornando a paisagem festiva um espaço de trocas afetivas, criação nômade e geração de outros mundos possíveis.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Por fim, acrescento que a escrita deste artigo é compreendida como exercício de reflexividade e registro de meu processo investigativo. Os movimentos das ideias aqui apresentadas, acabam por gerar um desenho inacabado da pesquisa. Destaco que sua escritura se faz no movimento, nas deambulações e desnudamentos que a pesquisa solicita, e não são achados e tampouco estão prontos, pois são estados de provocação contínuas e desejantes a serem encontrados ou inventados..

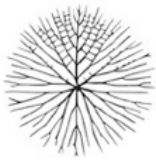
**CONTAMINAÇÕES EPISTÊMICAS:** grafias de uma etnocaminhada em criação.

A etnocaminhada, noção criada na pesquisa de doutoramento, se instaura como experiência de construir intensidades, desorientar caminhos, manejar palavras, etnocenologizar. A matéria de criação da etnocaminhada tem proximidade epistêmica e afetiva com a motriz de pensamento da Etnocenologia, que com sua abertura, expansão e contágios com outros saberes de mundo, movimenta a pesquisa como prática singular mais mole e permeável.

O olhar etnocenológico mira o fenômeno em suas singularidades poéticas. Parte significativa das reflexões se propõe a compreender as dinâmicas e seus contextos elaborativos, colocando em questão os modos de produzir estéticas a partir dos praticantes, o fenômeno espetacular.

A noção etnocaminhada convoca uma presença minha diferenciada, a qual dou o nome de etnocaminhante. A partir desse entendimento me coloco na condição de assumir meu corpo como proposição etnográfica. É onde inscrevo meu corpo para compreender e caminhar o percurso, a paragem e a paisagem festiva. Reivindicando meu corpo como grafia etno, uma partitura de escrita-corpo que começa a existir a partir da imersão errante, que é quando eu caminho e festejo nas dobras e bordas, que friccionam os modos de com-viver na festa.

Ao assumir essa conexão epistêmica com a Etnocenologia, vou me arriscando na



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

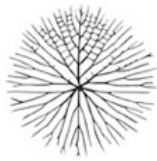
**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

tentativa de caminhar por outros olhares etnocenológicos acerca das práticas e comportamentos humanos espetaculares e organizados ocorridos na festa, sobretudo nas novas dobras, redobras e desdobramentos para o campo, notadamente realizadas na região amazônica (BRIGIDA, 2016). Esse contexto epistemológico é capaz de gerar uma metodologia particular nomeada de imersão errante, que entende e intensifica a perspectiva do corpo brincante como construto cambiante, fluído e feito de inventividades.

Corpo brincante, neste estudo, é uma proposição estético-política derivada de uma perspectiva transdisciplinar, noção que considera o modo como os praticantes se percebem e se autodenominam no bumba meu boi maranhense, termo bastante usual em outras manifestações espetaculares ocorridas no país. Seguindo essa linha de compreensão, o pesquisador cearense Oswald Barroso (2004, p. 85) contribui ao dizer que o brincante “rigorosamente, não se apresenta, nem representa, simplesmente, [...] brinca”.

Ainda que o trecho comente a relação potente dos brincantes com o universo lúdico e inventivo presente nas manifestações espetaculares. No entanto, essa compreensão do corpo que apenas brinca, limita questões importantes acerca desse estado festivo. Nesta escritura, não cabe um entendimento totalizante e idealizador do brincante. O corpo brincante não é homogêneo. Contudo, tem uma base comum de criação, trago a imagem de um rizoma como metáfora, para mostrar a força do entrelaçamento do cotidiano e os dias dedicados ao Bumba meu Boi na construção do corpo brincante.

A dimensão brincante, no contexto festivo de São Marçal, é vista, de forma mais acentuada, no corpo das pessoas que desempenham papéis, personagens ou figuras dentro da estrutura cênica do Boi, a saber: índias, caboclo de pena, Pai Francisco, Catirina, burrinha, miolo do Boi, caboclo de fita entre outros. O caráter espetacular do corpo brincante também é experimentado pelo vendedor de bebida, pelo matraqueiro e por quem caminha na festa.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

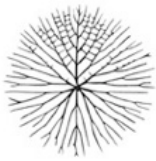
Por meio desses estados brincantes, sobretudo o corpo que brinca e caminha inventivamente, que busco caminhografar o modo como geram outros caminhos e elaboram rumações ao caminhar na avenida.

No contexto da pesquisa, o nome evocado, corpo brincante, fala de um corpo potente que opera a partir do borramento do regime de tempo contemporâneo. Para isso, o corpo brincante ativa a pressa e lentidão como coexistências, brincando com a elasticidade e densidade do tempo, gerando outras espessuras no espaço, abrindo o poro para as permeabilidades dos encontros.



Figura 01: Corpos brincantes das índias. Fonte: Thiago Ramos, 2019.

O corpo brincante reúne uma pluralidade de corpos que se entrecruzam, encenando estéticas dos saberes e memória da rua a partir do contexto cultural festivo. É um corpo em estado de criação festiva constante, que vivencia múltiplos caminhos de geração de novos sentidos. É o ser festa em toda a sua potência. Corpos diversos como elemento detonador de outras sensibilidades caminhantes que andam a partir de uma poética precária, de instabilidade, do cansaço, vibrações transitórias e operando outras formas de deslocamento.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Portanto, corpo brincante também é um termo que interroga, sem ponto de interrogação, os diversos modos inventados de experimentar a festa. Provoca intensidades, materializa os corpos em fluxos. Brincante puxa o movimento para si, mas não o restringe, convida e devolve, expande. É brincar entre, brincar com, brincar a partir e brincar em si.

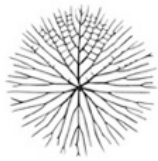
**FESTEJAR E CAMINHAR:** aspectos da f(é)sta e sua criação movente.

Este tópico deseja discutir questões ligadas à festa e suas influências nas dinâmicas urbanas. Com intenção de compreender as tessituras que conectam espaços, tempos, pessoas e o compartilhamento de valores comuns, assim como de diferentes interesses entrelaçados na experiência articuladora da festa. Conjugando fé, diversão e devoção no território cambiante e híbrido, configurando um campo de estudo substancialmente potente.

O período junino maranhense é composto por uma temporada de festas com caráter diversificado. Festejar São João, São Pedro e São Marçal requer, por parte do grupo de Boi, uma preparação diferenciada para cada festa. A de São Marçal, por exemplo, exige, ou melhor, pressupõe uma movimentação de atravessar, como potência do ajuntamento que ocupa a rua.

Neste sentido, a rua em que a festa caminha destaca os tipos de sociabilidades dos corpos que se cruzam, se tocam e como reelaboram seus percursos afetivos a partir dos atravessamentos existentes na rota do fenômeno espetacular em questão.

Como já mencionado no início deste texto, a festa de São Marçal é uma celebração que acontece no espaço público. O acesso livre à festa, sem cordas ou outros impedimentos físicos, é praticado como gerador de energia para festejar, espaço de troca, da alteridade, contaminação e vivências, resultante dos processos relacionais também do encontro do corpo com outros corpos.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

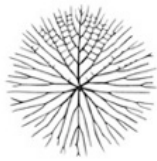
A Festa de São Marçal é uma manifestação cultural marcada pela diversidade religiosa. Mesclando na estrutura festiva, traços de cosmovisões distintas e suas formas celebrativas de manifestar a fé, essas dimensões do sagrado dialogam fortemente com aspectos profanos, gerando um campo movente de experiências que se entrecruzam, articulando um conjunto de saberes e fazeres indissociáveis, que a cada ano são renovados.

Em suas coexistências, o sagrado e o profano ordenam colaborações interessadas em promover homenagens à São Marçal, dos mais diversos estilos e formatos; são motivos devocionais que estruturam a festa, amplificando o respeito e feição pelo santo, exprimindo a dinâmica cultural de um grupo social específico.



Figura 02: Festejar com o santo. 2018.

Ainda que a festa seja referenciada com o nome de um santo é importante destacar que a manifestação carrega em sua estrutura ritualística a característica de uma



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

festividade que busca, dentro de sua dimensão espetacular, a prática de festejar com o santo. Tecendo, assim, uma relação mais próxima com São Marçal, rompendo com a ideia de uma festa para o santo. As festas de santo espalhadas pelo país, em seus diversos formatos e intenções, destacam a pluralidade religiosa na sociedade contemporânea, com seus rituais complexos, demonstrando o dinamismo nas formas de festejar.

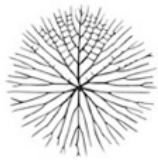
Conhecido popularmente como santo adotado pelas pessoas ligadas ao Bumba meu boi, a figura de São Marçal é reverenciada como protetor dos brincantes, com muitos desejos envolvidos para pedir bençãos e proteção aos seus devotos. A figura de São Marçal mantém uma ligação estreita com a festa, como sua imagem é frequentemente atrelada ao encontro dos Bois, sendo referenciada, muitas vezes, até mesmo pela pesquisa, como denominação da festa. Fora o período junino, são raras as menções feitas ao santo. A hagiografia de São Marçal destaca informações escassas, mas pontuais ao seu respeito. Atesta o seu nome como Marcial de Limoges, nascido na Gália, antiga região francesa, no século III. A citação abaixo oferece mais referências de São Marçal, ao apontar que ele

teria sido um dos 72 discípulos de Jesus Cristo, aquele que teria dado o pão para o milagre da multiplicação. Há o registro de um bispo da cidade de Limoges, na França, no martirologio romano, de nome Marcial. Para o arcebispo auxiliar de São Luís, D. Geraldo Dantas de Andrade, não há registro de canonização para Marçal, sendo um santo originado da fé popular (Junior apud Albernaz, 2002, p. 53).

Ao que tudo indica, a devoção a São Marçal entrou pelas ruas do João Paulo com os Bois de matraca. Tal fato culminou em uma relação mais aproximada com o santo festejado, botando para experimentação práticas litúrgicas incomuns, mas que colocam a festa como lugar de enunciação de sua fé, juntamente com a diversão.

Cabe lembrar, além disso, que a festa é praticada como reunião de grupos de Bumba Meu Boi, advindos de várias partes da região metropolitana de São Luís, residindo, em





**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

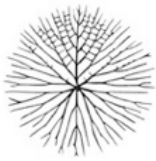
sua maioria, em bairros periféricos, quando não, morando em áreas rurais. Essa cartografia social Bumba Meu boi, situa, em partes, as condições vividas pelos brincantes, cujo perfil é composto por pessoas de origem simples, que quase sempre trabalham em condições informais de trabalho. Essas pessoas se organizam de maneira muito intensa a cada etapa da vivência boieira, o que leva a crer que essas mobilizações são compreendidas como um “prolongamento de suas existências” (FONSÊCA, 2015, p. 22).

Na pesquisa caminhante que venho criando, interessa conhecer essas camadas do fenômeno espetacular, especialmente das pessoas que compõem e reelaboram a festa. Os comportamentos humanos espetaculares e organizados ocorridos na festa são expressões estéticas ricas por abrigar inumeráveis estados de festejar, de existir. Diante disso, a seguir, comento questões referentes às minhas etnocaminhadas a partir da imersão errante. Como um mergulho intensivo, pratico a imersão para tentar compreender as produções estéticas dentro do seu contexto cultural. Nessas deambulações, caminho encantada diante das ocorrências sensíveis, das partilhas experimentadas e das presenças em processo que transbordam na festa.

**IMERSÃO ERRANTE:** pistas, marcas e |a|notações de uma etnocaminhante.

A minha pesquisa se faz no e com o caminho, um caminhar que faz caminhos em diversos tempos e que vagueia por espaços de abertura metodológica. Movo-me nos desdobramentos possíveis por acreditar na possibilidade de outros percursos como articulação potente para o que venho me propondo: compreender a caminhada e os modos de existir na festa de São Marçal.

A partir de três etnocaminhadas realizadas – nos anos de 2017 a 2019 – foi possível desenhar um mapa festivo. Não é um objeto-produto encerrado em si mesmo, mas um modo de pensar por. O intento é escrever, desenhar e capturar mapas de percursos a partir de algumas caminhadas praticadas, algumas delas evocadas da dissertação



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

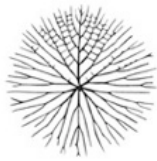
(FONSÊCA, 2015).

A imersão errante desenha mapas de percursos a partir de algumas caminhadas praticadas. Em que rascunho lugares de circulação e andamento na festa, como índices de partilhamento, usando as narrativas corporais dos brincantes como campo de experimentação, para além de uma descrição. Nisso, pratico um conjunto de incursões da pesquisa que sinaliza para outros movimentos em campo, que menciona, as fraturas e borramentos, que dialogam entre si, como força poética manifestada em cada situação de disponibilidade do brincante, dos corpos em vias de composição.

Neste sentido, proponho a escritura de uma caminhografia festiva. A festa de São Marçal é apresentada a partir de três momentos escolhidos devido a sua estrutura cambiante, a saber: chegar na festa; a caminhada festiva e, por fim, a dispersão. Esses são os fluxos e refluxos da festa tomados como campo de compreensão do fenômeno. São circuitos-experimentos que atravessam e compõem os corpos caminhantes na festa, que propõem a forma de vivenciá-la, de como a festa se comunica e se faz espetacular.

O primeiro circuito-experimento, Chegar na festa: dinâmicas de acessos, destaca as formas encontradas pelos brincantes para acessar a festa, sobretudo os caminhos percorridos a pé, carro, ônibus, moto e outras formas de deslocação praticadas. Interessa aqui apresentar a transmutação da paisagem do bairro nas primeiras horas do dia 30 de junho, quando uma fila de carros de som já se posiciona na Avenida Guaxenduba, no Bairro de Fátima. Antes mesmo do nascer do dia, os carros de som estacionados demarcam a chegada dos grupos de Boi na festa. A disposição dos carros se realiza em sequência, um após o outro, formando uma tessitura importante que determina a entrada e circulação dos grupos de Boi.

No dia da festa, a Avenida Guaxenduba, próxima a Avenida São Marçal, se transforma em um grande corredor de apoio e organização, uma espécie de concentração,



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

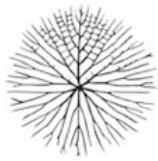
misturada com sala de espera, com quarto de dormir. Avenida larga, que recebe muito fluxos de carros nos demais dias do ano e importante via de ligação para o centro da cidade.



Figura 03: Fila de carros de som na Avenida Guaxenduba.

Os grupos de Boi chegam na festa, de fato, a partir das cinco da manhã. Isto sugere que muitos brincantes comparecem ao evento com privação de sono, fome e embriaguez, condições coabitáveis que povoam a festa e que, por mais paradoxal que possa parecer, são elas que dão sustentação e força ao corpo caminhante. Os brincantes carregam em seus corpos marcas da fadiga pelas horas prolongadas de apresentação, provocando, em muitos corpos, cansaço e sonolência. Esse estado corporal afeta brincantes em níveis diferentes, mobilizando alternativas das mais diversas para aproveitar o tempo de espera.

A caminhada festiva é o segundo circuito-experimento. Nele, é onde a festa propriamente dita acontece. O corredor, entendido como ocupação errante, mede cerca de 400 metros e, na maioria das vezes, o percurso tem duração aproximada de 3 ou 4



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

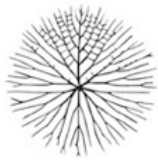
horas, por abrigar muitos caminhantes. A cartografia da festa se desenha da seguinte forma: cada grupo de Bumba meu Boi percorre, caminha, para, dança na avenida, acompanhado de um carro de som, equipado com microfone e demais aparatos sonoros.



Figura 04: Vista área da caminhada festiva.

A ocupação errante, vista de cima, mostra a frequência do encontro e como a dilatação festiva rasga a malha urbana a partir do deslocamento mínimo. Minúsculo devido ao ajuntamento dos corpos, amontoado de gente, tocando a pele do chão de forma devagar e amálgama, quase parando. Tem como efeito uma paisagem que a cada passada se transforma, anônima, atraída pela necessidade de movimento, que opera vagarosamente cortes no tempo.

Movimentar é criar em São Marçal. Remete ao jogo de estímulos instaurado que aciona as rupturas com os modos de viver no meio urbano. A própria caminhada festiva, a ocupação errante, tem como mote existencial a produção de estados de contato



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

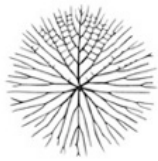
permeáveis com o ambiente. A caminhada carrega, como característica intrínseca, a dimensão exploratória.



Figura 05: Caminhada festiva. 2018.

A ação de tateio e descoberta que vai sendo acionada a cada vez que o caminhante pratica o passo. Com esse movimento, a caminhada consegue operar em si mesma sua reinvenção. Seguindo o fluxo caminhante, o próximo passo é acessar a continuidade, ou seja, o encadeamento de passos geradores do próximo circuito-experimento, que acrescentam à paisagem da festa a possibilidade de ampliar os modos de circulação e experiência festiva.

E, por último, a dispersão que chamo de Fluxos dispersivos: outras dobras por vir, descreve as outras festas que alimentam a festa de São Marçal, localizadas nas transversais da avenida principal. O circuito-experimento pontua as outras dinâmicas festivas que garantem a continuidade do fenômeno espetacular, como um desdobramento elástico, intrinsecamente ligado à festa de São Marçal. Percebido como



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

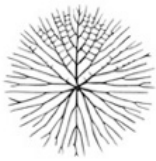
território cambiante não isento de contaminações, uma superfície aberta a acontecimentos.

Para exemplificar as festas dentro da festa, os eventos paralelos, em sua maioria, são festas de reggae com suas radiolas de som<sup>ii</sup>, com estrutura que demanda uma preparação prévia e planejada de ambiência sonora, mobilizando nas encruzilhadas da Avenida São Marçal, notadamente nos bares das ruas paralelas, um conjunto de especificidades, com modos de organização particular, dentro de um tempo e espaço próprio. Recebe um público diversificado, gente vinda da Festa de São Marçal, como de pessoas que comparecem exclusivamente para dançar agarradinho<sup>iii</sup>.

Os três circuitos-experimentos mencionados falam de situações-moventes específicas da festa que, cabe mencionar aqui, a existência de outras formas de circulação que interrogam as composições da festa. As três ações refletem os momentos de experiências compartilhadas e geradas a partir de seus entrelaçamentos que se tocam, vibram, se contraem e se afastam. São desvios das idas, vindas, paradas, movimentações precárias, circulações, trocas, aproximações, afastamentos, rotas de colisão e demais conexões não listadas, onde os caminhantes participam ativamente da inscrição de outros desenhos no mapa movente, alterando as linhas do espaço urbano do bairro do João Paulo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A festa de São Marçal apresenta uma paisagem imersiva potencialmente instigante, com inúmeras possibilidades investigativas que habitam as curvas, encruzilhadas e o chão poroso do João Paulo. Escolhi algumas infiltrações e superfícies contaminantes para ativar o pensamento acerca da caminhada e dos modos de existência a partir da festa. Neste sentido, a imagem da infiltração e superfície aciona a composição de outros saberes praticados no arruamento, instaurando poéticas caminhantes com suas visualidades moventes.



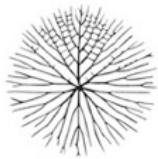
**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Diante da ambiência festiva, procurei discutir acerca das existências que caminham em São Marçal, apresentando também algumas situações vividas e experiências compartilhadas no território afetivo-movente. Intencionei contribuir, a partir da etnocaminhada, nas práticas investigativas que interrogam outros sentidos de mundo, sobretudo do entendimento das espetacularidades festivas que ocupam a rua. Trazendo para a escritura aspectos das estratégias e microresistências geradas na travessia da avenida São Marçal.

A partir da imersão errante, meu estar e ser festivo, busquei ativar movimentos de pesquisa que ajudassem a compreender como a caminhada aciona modos inventivos de existir, sobretudo como os corpos brincantes experimentam as camadas da cidade a partir das fricções e deslizamentos, tornando a paisagem festiva um espaço de trocas afetivas, criação nômade e geração de outros mundos possíveis. Portanto, as circulações inventivas são expressões que apontam os trânsitos de trocas, ajuntamentos, quer dizer, indicam as formas de vivenciar a experiência urbana de outra maneira.

Paro, por hora, sem pretensões conclusivas, lançando a possibilidade de uma pausa na conversa, que sua finalização. Ao colocar as questões acima vejo um pouco da incompletude de algumas proposições, mas entendo que a processualidade evoca esse estado. Os rastros, ruídos e sobras que mencionei nesta escrita são pontos importantes, pois são eles que movem e intensificam a pesquisa. No mais, a caminhada continua, apesar de uma pequena parada agora, pois o momento pede que eu perceba um pouco da paisagem, paragem e passagem que venho experimentando. Até mais!



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Lady Selma. **O “urrou” do boi em Atenas:** instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BARROSO, Oswaldo. **Incorporação e memória na performance do ator brincante.** In: Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização. TEIXEIRA, João Gabriel L.C., et al (org.). Brasília: ICS- UNB, 2004. Pág. 68 a 87.

BRÍGIDA, Miguel Santa. **Etnocorpografias dos terreiros afro-amazônicos:** imersões metodológicas da Etnocenologia. Anais da ABRACE. v. 17, n. 1, 2016.

FONSÊCA, Danielle de Jesus de Souza Fonsêca. **Tem mascarado na festa de São Marçal:** o brincante de Pai Francisco no Bumba meu Boi em São Luís, MA. Programa de Pós-Graduação em Arte Contemporânea, Universidade de Brasília. Dissertação de Mestrado, 2015.

---

<sup>i</sup> Desde 2006, por meio da Lei Municipal nº 4.487/2005, a via recebe o nome de Avenida São Marçal.

<sup>ii</sup> É uma aparelhagem de som usada nos clubes de reggae. É muito comum as radiolas participarem de festejos de santos espalhados pelo estado.

<sup>iii</sup> Expressão característica do universo regueiro, faz referência ao modo maranhense de dançar reggae.